

Entrevista com Milton Santos, no Programa “PASSANDO A LIMPO”¹

por **Boris Casoy**
Transcrição: **Jailton Dias**

Boris Casoy – Professor, o senhor está lançando este livro “Por uma Outra Globalização”. Eu perguntei quantos livros, o senhor me falou mais de 40. Professor emérito de USP, geógrafo, formado em Direito. Brilhante geógrafo! Disseram-me que a sua especialidade é o espaço, a ocupação de espaços. Que ideia o senhor defende num momento em que a globalização é tão massacrante, é tão “rolo compressor”? Professor, que ideia básica o senhor defende quando o senhor fala: “Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal”? Parece-me uma coisa assim meio religiosa.

Milton Santos – Quem sabe? Em resumo, a ideia é a seguinte: há um mundo que está aí e que utiliza dos meios materiais que a humanidade obteve no fim do século para produzir aquilo que eu considero como uma perversidade. Mas eu creio, firmemente, que é possível mudar esse mundo; fazer dele uma coisa bonita e boa para todos. Agora, não é religioso porque essa ideia não vem de uma doutrina. Essa ideia é o resultado do raciocínio que é fundado nas coisas que existem.

BC – Professor, antes de o senhor chegar à conclusão de para onde o senhor desejaria; para onde nos podemos ir, eu pergunto: Por que surge, de repente, a globalização no seu conceito? O que aconteceu com o mundo que de repente surge a globalização? Foi o fim da URSS, por exemplo?

Milton Santos – Eu creio que o fim da URSS é apenas um episódio. Na realidade é um risco interpretar a história a partir de um episódio. O que me parece que aconteceu é que, ao longo do século, a ciência foi ganhando peso, expressão; houve a união da ciência com a técnica; ambas passaram a ser utilizadas pelo mercado; o mercado se expande planetariamente. E quando as técnicas que vieram do século passado se juntam nos últimos 25 anos às técnicas da informação, então, se criam as condições para a produção de um mundo só, que não havia até então. E aí, imagino que é isso que permite falar hoje de globalização, no sentido de construção de um mundo que funciona de forma unitária.

BC – O senhor acha que quanto haveria de sem-querer e quanto haveria de urdimento, de uma coisa projetada no sentido de que acontecesse isso que esta acontecendo hoje no mundo? O senhor acha que é uma consequência histórica natural?

MS – Natural eu não diria que sim. Na medida em que são resultados do progresso da técnica e a técnica sendo ela própria artifício, então não é natural. Agora, a porção de maquiavelismo possível nessa construção é que seria a discutir. Mas é o resultado de um processo que conduz à possibilidade da construção desse mundo. E também de outro! Acho que é isso que a gente deve ter muito claramente. É que o mundo que está aí, no meu modo de ver, ele é um mundo bom e resulta de uma maneira de fazer história que desconsidera o homem daquilo que há de mais

¹ Entrevista gravada no dia 18/04/2000 e apresentada no dia 23/04/2000 pela TV Record, no Programa “Passando a Limpo”.

profundo. Mas a nossa sorte é que ao mesmo tempo, o que está por baixo dessa construção política e as condições técnicas podem um dia - que eu acho que está se aproximando - permitir uma outra construção.

BC - *E o senhor acha que essa "outra construção" virá sem violência, sem revolução, ou ela é uma evolução desse processo que levou à globalização, a uma evolução natural, sem nenhuma interrupção brusca?*

MS - Eu creio que a brutalidade está aí instalada. Quer dizer, a globalização, ela se caracteriza pela produção estrutural da violência. Nunca houve na história um período no qual as realizações mais fundamentais da vida histórica tivessem que ter como base a produção também da violência, porque a própria produção - a produção das coisas, a produção da informação -, tudo que tem real mando, produz violência também. Então, a violência está aí...

BC - *Quando eu falo em violência, o senhor vai dessa violência urbana, por exemplo, que os grandes centros urbanos brasileiros atravessam até a violência de caráter político que acontece em vários países da Europa, da África. Quer dizer, essa violência pode ser definida mais claramente como localizada que aspectos da vida do ser humano, hoje, na Terra?*

MS - Eu creio que a violência, ela tem origem naquilo que é central; na convivência entre os homens, na convivência entre as empresas; na convivência entre as nações...

BC - *Agora, ela já existia antes! O senhor tem o nazismo que é lá dos anos 30, com origem nos anos 20; e o senhor tem a guerra de 1914. Quer dizer, o mundo nunca teve paz! Será que o mundo hoje é mais violento por causa da globalização? Já não foi mais violento ainda?*

MS - Eu não falei a contabilidade! Ela é arriscada! Mas eu creio que o que é diferente é que na época do nazismo, havia outras coisas do outro lado que se insurgiram contra o nazismo; que buscavam se levantar contra o nazismo e que acaba por destruí-lo porque houve a consideração geral de que aquilo não era uma coisa boa. Hoje, é o contrário! E daí a ideia do pensamento único. Hoje o pensamento que domina é esse pensamento único que ele próprio é violento, porque se eu peço ao outro que pense como eu penso, eu estou impondo a ele uma forma de ler as coisas, de ver o mundo que é a minha. Eu acho que é isso que distingue, talvez, a violência atual da violência do passado porque ela é estrutural. E ela é estrutural porque tudo é feito a partir da chamada competitividade. E a competitividade já é uma violência sem nome.

BC - *O senhor acredita num mundo não-socialista, no sentido marxista da palavra; um mundo não-socialista sem competitividade?*

MS - O mundo até recentemente não era competitivo, no sentido da competitividade. Havia a competição! A competição, eu acho que ela tinha alguns códigos morais. A competição, inclusive, ela podia existir paralelamente à compaixão. Na competitividade, ela exclui a compaixão!

BC - *O senhor acha que a competição - o que o senhor chama de competição - entre as nações inclui a compaixão?*

MS - A competição entre as nações, ela tinha um código moral, inclusive a ideia de que as nações todas, os Estados todos podiam ser iguais, que é a ideia, por exemplo, da Conferência de Haia, que é a ideia da fundação das Nações Unidas, enquanto que agora parece absolutamente tranquilo que algumas nações se arroguem o direito de mandar nas outras.

BC - *O pior, e que o senhor mostra, de alguma maneira, no seu livro, é que a globalização sufoca os Estados Nacionais.*

MS - Ah, sim, certamente!

BC - *O que me parece o aspecto mais grave! Quer dizer, o que nós chamamos Estado Nacional, que davam as diretrizes básicas, de uma certa maneira podem ser hoje interpretados como meros representantes dessas forças da globalização, forças de mercado. Na verdade, elas não pairam sobre ou não dirigem... elas um pouco representam. Ou eu estou enganado?*

MS - Os Estados?

BC - *O Estados hoje?*

MS - É, são porta-vozes. Eles são produtores do discurso vernacular. Quer dizer, os governos, eles traduzem para a língua de cada país o desejo desta “mula-sem-cabeça” a quem nós estamos chamando de globalização. Porque a cabeça é múltipla. Não há uma cabeça como o que a gente chama inteligência universal hoje. Ela pretende ser situada no Banco Mundial, no FMI, que são atores coadjuvantes dessas empresas monstruosas que ameaçam governar tudo.

BC - *Até onde essa unipolaridade, essa predominância norte-americana tem a ver com a globalização? É um acidente da globalização ou é a geradora da globalização, na sua opinião? Eu sempre tenho dúvidas a esse respeito!*

MS - Eu acho que é uma construção que desde antes do fim da 2ª Grande Guerra, a vontade de hegemonia americana, que aparece, inclusive, com os processos de descolonização foram impulsionados pelos EUA. Mas para quê? Para eliminar a contradição dos impérios e permitir ao único país que dispunha desses meios técnicos e intelectuais novos, os seus espraiaamentos e o seu mando que, afinal, foi conseguido mediante uma geopolítica bem aceita.

BC - *E qual seria o papel, nesse caso, da antiga URSS, a Rússia, que é detentora de tecnologia? E também da Alemanha e do Japão moderno, por exemplo? De meros coadjuvantes desse processo? Da França, da Inglaterra...*

MS - Coadjuvantes eu não diria porque esses países tinham a ilusão de que podiam se opor e buscaram se opor até um certo ponto. Mas a formação da potência americana, a expressão da economia americana e a produção da *intelligentsia* americanizada conduziram a criar um outro império que aparecia de forma velada, que tinha formas de expressão mais ou menos sutis, mas extremamente eficazes.

BC - *Agora, o mundo não produziu uma corrente que pudesse contrapor a tudo isso. Quer dizer, o mundo aceitou prazerosamente! Ou foram as chamadas elites*

dirigentes do que eram os Estados e das diversas sociedades que acabaram isso, na sua opinião?

MS – Eu creio que o que a gente chama “o mundo” tem que ser qualificado. Quer dizer, a palavra “mundo”, ela é usada às vezes, abusivamente. Porque não é o mundo. A gente chama o mundo os EUA e a Europa!

BC – *A gente separa e esquece a Índia e a China, por exemplo...*

MS – A maior parte da humanidade, a gente quase não considera como se fosse o mundo. Tanto que a gente nem trata deles. Eles aparecem somente quando há uma catástrofe natural ou política. Mas eu imagino que a coabitação das elites de que falou, a ação comum dessas elites acabou literalmente levando às consequências que enumerou.

BC – *Professor, qual seria o contraponto que levaria a uma outra via? Não essa terceira via que o Tony Blair anuncia, que acaba sendo uma globalização um pouco mais pasteurizada. Para onde se encaminharia o mundo? Onde o senhor iria buscar essa sociedade melhor, fraterna? Não é apenas uma esperança? Ou o senhor está falando sobre o aspecto de ressuscitar o marxismo, o socialismo, a sociedade comunista?*

MS – O marxismo não precisa ser ressuscitado com a globalização pois como sobrou apenas o capitalismo, ele ao mesmo tempo passou a dar um papel central ao marxismo. Mas o que eu creio que vai criar esse novo mundo será uma volta e, agora, possível, da ideia de que não é necessário ser uma grande nação. Essa história de ser grande potência que nós brasileiros ainda desejamos ser Primeiro Mundo, que é uma grande bobagem! O que nós temos que ser é um grande país! Um grande país é aquele que cuida de seu povo.

BC – *Sim. Mas é preciso se isolar do mundo.*

MS – Não é preciso se isolar do mundo. Mas é preciso começar a pensar no próprio povo. Eu acho que é isso que nós vamos ser levados a admitir muito brevemente porque a globalização, ela aumentou a pobreza em toda parte, inclusive, nos países ricos. Nunca houve tanta pobreza como na Europa ou nos EUA. E nos países pobres, a pobreza dá impressão de ser irreversível, que é o caso do Brasil. Então, há a necessidade de cuidar de uma série de consequências desse empobrecimento que inclui o próprio lado cultural porque a educação tal como ela hoje é oferecida, ela já condena as pessoas. Quer dizer, a educação no caso brasileiro, ela condena as pessoas à desigualdade.

BC – *Por quê? Como?*

MS – Porque há algumas escolas de primeiro nível e outras de segundo, outras de terceiro e outras de quarto...

BC – *Mas, isso, de alguma maneira, não se repete em todos os países, inclusive nos chamados países de Primeiro Mundo?*

MS – Menos! Nos países da Europa, muito menos! Mas o fato que se repita, acho que ele é importante porque mostra que estamos nos encaminhando para situações insuportáveis, como é o fato de que a saúde passa a ser um bem do

mercado. Então, eu acho que há uma série de distorções insuportáveis que são apenas suportadas porque há uma enorme propaganda da bondade da globalização, mas que daqui a pouco as populações vão descobrir que não lhes interessa. Então, a reversibilidade me parece algo que já está se apontando, que se pode ver. É isso que não é religioso. Não é religiosa a crença na mudança porque eu creio que as próprias condições da vida material, ela nos aponta para uma saturação, quer dizer, uma ultrapassagem dos limites do aceitável.

BC - *Professor, mas para alguns países centrais, não há incômodo nenhum! O senhor acha que esses países que hoje usufruem quase na plenitude, pelo menos através de suas camadas dirigentes, eles vão se conformar com reações de alguns países que vão tentar mudar o sentido das coisas que, provavelmente, na visão deles, ainda nem se consolidaram em termos de globalização?*

MS - Por que é que eu tenho que acreditar que a história é para ser sempre feita por eles? Nada prova que eles é que vão continuar fazendo a história. Não, não! Nem a Europa tem forças para produzir história nos próximos decênios, nem os EUA! A história vai ser feita por nós!

BC - *O senhor fala nós...*

MS - Nós o SUL! Quer dizer, nós os países pobres! Esse é que farão a história. É impossível ensinar aos europeus a ideia de futuro. Não é uma ideia que lhes seja realmente nem familiar, nem agradável. E aos americanos também é impossível porque os fundamentalismos americanos são obstáculos; os fundamentalismos das classes dirigentes e das camadas dirigentes. Há uma incompatibilidade com essa ideia de futuro.

BC - *Agora, como se materializaria isso?*

MS - Acho que é acreditar na população. Não só nos cinco bilhões de habitantes no resto do mundo. Então, nós nos acostumamos a pensar o mundo a partir da Europa e dos EUA...

BC - *Nosso desejo é muito mais de invadir, de ir para a Europa e os EUA do que estabelecer um paraíso no SUL.*

MS - Mas só para comprar gravata! Isso vai ser, talvez, mais adiante! Comprar gravatas, comprar meias que eles fazem melhor do que nós! Mas eu creio que as ideias nós podemos tê-las igual e com mais força. A produção de ideias hoje é algo que não necessita de cópia e a maneira como esses países produzem suas próprias vidas, eu acho que é isso que vai ser a grande inspiração que, aliás, já está sendo mostrado com essa mistura de filosofias que na minha juventude era inimaginável.

BC - *Por exemplo, que misturas?*

MS - As filosofias orientais, que são muito mais difundidas. As filosofias orientais no Brasil... Não vou fazer um julgamento do valor delas!

BC - *Sim, as filosofias orientais, digamos, japonesas...*

MS - Hindus etc., que são vendidas e que são divulgadas com muito mais amplitude de que as filosofias ocidentais, enquanto na minha juventude, na minha

maturidade, na sua juventude, as filosofias ocidentais tinham o monopólio da produção das ideias. É até na filosofia como o pragmatismo americano, por exemplo, que, consciente ou inconscientemente, acaba por ter um papel muito forte.

BC - *Professor, o senhor coloca uma coisa que é o papel dos meios de comunicação que, de alguma maneira, se percebe que, na sua concepção, estariam a serviço de toda essa concepção de globalização. Seria - eu exageraria, ou talvez não exageraria, dizendo - uma entidade de propaganda dos meios de globalização? Eu não me sinto assim, por exemplo!*

MS - De acordo! Agora, Boris Casoy é um grande jornalista. Mas quem é Boris Casoy frente à produção da informação ao nível global? Não é o jornalista não!

BC - *Isso é o que eu queria discutir. Acho que outros jornalistas também se sentem assim; outras organizações...*

MS - É possível!

BC - *Professor, deixamos no ar essa questão da comunicação. O senhor acha que essa comunicação, essa onda favorável à globalização é urdida também, quer dizer, ela é planejada, ela é maquiavélica? Existe esse maquiavelismo?*

MS - Eu não usaria a palavra maquiavelismo! Eu creio que essas formidáveis empresas da informação, elas fazem o trabalho para o qual elas foram imaginadas e organizadas. E elas se utilizam das novas condições técnicas, que seria impossível nos anos 50, 60 e mesmo 70. Hoje, com essa cobertura do planeta com as técnicas da informação, a instantaneidade com que as vozes, as ideias, as imagens circulam; essa capacidade de, num mesmo momento, os lugares todos poderem se comunicar em tempo real, isso cria um poder extraordinário a quem detém o comando da informação.

BC - *Mas, a internet, por exemplo, que é hoje a grande interrogação e ao mesmo tempo a grande exclamação da humanidade? A internet e a televisão satelitizada não permitem maior circulação e a mais livre circulação das ideias que já se teve no mundo?*

MS - Eu creio que permitirão! Eu acho que é essa uma das razões da minha esperança na mudança. É que a informação sempre foi fornecida de forma maciça, não é? A Agência *United Press* que via o mundo; poucos homens localizados estrategicamente que viam o mundo, que nos mandavam a nós jornalistas e outros...

BC - *Essa era a grande queixa! Mas hoje não é assim! Hoje nós podemos ter todos os pontos de vista nas palmas dos dedos, na internet.*

MS - Potencialmente! Mas na realidade ainda não é assim. Na realidade...

BC - *É muito mais livre quando a gente quer saber o noticiário...*

MS - Mas, sobretudo, como a gente sabe que pode, isso encoraja a produção de outra política para que seja possível mesmo, não é?

BC – *Professor, há dois polos que as chamadas grandes potências, o G7; dois polos que eles tremem: um é a China e o outro é o Islamismo. O senhor acha que essas duas forças vão ter participação?*

MS – Mas o Brasil também, entre as coisas que eles tremem.

BC – *Mas o Brasil tem um grande mercado, por exemplo. O Brasil tem uma grande população e tem recursos naturais. Quer dizer, tem tudo para se desenvolver.*

MS – Ah, certamente!

BC – *Eles vêem isso! Provavelmente, a gente não percebe isso! Quer dizer, o Brasil tem todas as condições para se desenvolver em estágios econômicos até futuros. Nós temos energia, temos energia solar, temos sol o ano todo. Mas o senhor acha que o Brasil se compara a essas forças como a China, Islamismo e Índia, por exemplo?*

MS – Eu outra vez me recuso a por peso entre as forças que vão mudar o mundo. Eu acho que Cabo Verde, apresentado aqui há pouco por Cesária², também terá seu papel. Mas a sua pergunta é bastante pertinente porque o islã, ele é uma religião que é a mais dinâmica atualmente, coerente...

BC – *O que o senhor chama de dinâmica?*

MS – Dinâmica no sentido da expansão, assim como o espanhol é a língua mais dinâmica, o maometismo, o islamismo é a religião mais dinâmica. E que é herdeira de uma grande cultura, de uma grande civilização que nós aprendemos a desdenhar porque nos fomos educados na escola europeia. E eles sabem que o mundo tal como é gerido, não lhes convém. Então, a posição do islã é uma posição conscientemente hostil às formulações de política internacional atual.

BC – *Agora, umas posições de hoje do islã não sugerem um autoritarismo?*

MS – Eu creio que não será mais forte que autoritarismo do sistema neoliberal, porque eu acho que o sistema neoliberal, ele produziu um outro autoritarismo. Para voltar no começo da nossa conversa, nos estamos naquilo que eu estou chamando de globalitarismo. Quer dizer que há formas novas de totalitarismo. Hoje, por exemplo, eu recebi uma correspondência de uma instituição respeitada, respeitável e, que no passado e presente presta grande serviço à produção intelectual, mas que não me permite usar outros meios de comunicação que os meios eletrônicos. Quer dizer, um desconhecimento das noções de cidadania. Ninguém pode me exigir comunicar por um meio só! Mas é tranquilo! Isso se faz tranquilamente! Quer dizer que há uma sucessão de comportamentos totalitários e que entraram...

BC – *Sim, mas esses comportamentos, eu diria que esses países centrais, os países... EUA, França, Inglaterra, Alemanha, Japão têm cultivado, por exemplo, ao extremo a liberdade individual. Isso são anomalias dentro desses quadros. Quer dizer, os países islâmicos mais radicais solapam as liberdades individuais em função de um Estado teocrático, muitas vezes teocrático, ou perto do teocrático, ou uma sociedade totalmente fechada.*

² Cantora da Ilha de Cabo Verde entrevistada antes do Professor Milton Santos no Programa Passando a Limpo.

MS - Mas, que está se abrindo, não há, eu não creio que há bloco de resistência. Mas, por que é que eu vou insistir nesse bloco de resistência se eu estou pensando no futuro?

BC - *Mas quando o senhor pensa do futuro, o senhor não pensa na diversidade, professor?*

MS - Ela é central! Mas a ideia da defesa dos direitos individuais nos EUA me parece uma... Eu creio isso faz parte da retórica.

BC - *Mas se o senhor for estabelecer uma comparação, por mais retórica que ela seja, ela ainda é o que de mais libertário existe em relação ao indivíduo.*

MS - Mas, eu não tenho que comparar nada! Por que é que eu tenho que comparar uma cultura com a outra? As culturas são absolutas!

BC - *Então o senhor admitiria, em determinadas culturas, o exercício do autoritarismo?*

MS - Não, eu não admito o exercício do autoritarismo. Mas por que só eu é que tenho que defini-lo? Porque eu não quero me colocar numa posição... Se eu julgo o outro em função daquilo que eu desejo que ele faça, isso já não é...?

BC - *Eu estou falando em diversidade e em convivência das diversidades e dos opostos, coisa que me parece muito natural nos EUA, na França. Até o Brasil tenta se encaminhar para isso. Quer dizer, os conceitos emitidos...*

MS - O Brasil está em pleno retrocesso do ponto de vista dos direitos...

BC - *Ele existe, mas o conceito que se procura incutir nas pessoas no Brasil é o conceito de que nós não devemos compactuar com esse retrocesso...*

MS - Eu não estou de acordo! Eu creio que é o contrário! Eu creio que tudo nos convoca a ajudar o retrocesso! Nós resistimos! Mas a maneira do discurso oficial, inclusive a maneira como ele deseja que as universidades sejam hoje, que é um ponto extremamente delicado da vida nacional, essa vontade de subjugar a universidade, de impedir que ela faça corretamente seu trabalho; tudo isso me parece desmentir esse discurso brasileiro tradicional da busca da pluralidade.

BC - *Professor, o senhor não acha que o Estado falhou na busca do desenvolvimento econômico no modelo estatal, no modelo marxista e essa busca do desenvolvimento só se realiza dentro da iniciativa privada?*

MS - Eu creio que não! A iniciativa privada não pode dar conta do bem comum, sobretudo em tempo de neoliberalismo.

BC - *Não, ela não pode dar conta do bem comum, mas ela é a mola mestra da formação de riquezas.*

MS - Eu não estou seguro disso!

BC - *Qual seria a alternativa para desenvolver um país?*

MS - O socialismo! Eu creio que o socialismo que é a grande solução! Continua sendo a grande solução!

BC - *E o senhor acha possível o socialismo?*

MS - Nós estamos caminhando para ele na outra forma de governo possível, nos próximos decênios. O capitalismo tem seus dias contados. Esse capitalismo aí tem os seus dias contados!

BC - *Esse capitalismo selvagem! Aliás, o Brasil nem vive o capitalismo selvagem ainda, na minha opinião!*

MS - Porque não chegamos ainda à cidadania. Nós estamos...

BC - *Estamos engatinhando na cidadania. Estamos começando... Acho que nós caminhamos para a cidadania. Nós estamos nos aproximando muito. Incorporam-se, na minha visão, diariamente, milhares de pessoas a um projeto de um Brasil com cidadania.*

MS - Eu tenho dúvida! Eu creio que se incorpora um exército de consumidores. Mas eu não confundiria a figura do consumidor e a figura do cidadão, porque o consumidor busca bens finitos, que acabam com o consumo; o cidadão é a busca do bem infinito, isto é, aquilo que quanto mais eu consumo, mais eu posso dar. E é isso que aumenta o homem, que produz o homem forte nele próprio. E sem o homem forte nele próprio, não há democracia possível. Eu acho que é essa que é a grande problemática de nosso tempo que é essa formidável força do consumo que agora se ampliou com a informação orientada ao consumo, com o pensamento único que reduz a possibilidade de um debate mais...

BC - *Então, por que tem falhado todas as formas de socialismo que se apresentaram aí, professor?*

MS - Por que é que eu tenho que olhar para trás?!

BC - *Temos que olhar para a história de alguma maneira, para ver o que aconteceu!*

MS - O que aconteceu, a história não é mestre da vida. A história não é algo que está aí. Então, ela tem que ser vista como algo que foi; que é uma herança.

BC - *O socialismo que o senhor preconiza, que o senhor imagina, que o senhor supõe, é o socialismo que está nos livros?*

MS - Não, é o socialismo que nós vamos construir juntos. O senhor e eu e outros, isto é, uma sociedade boa para todos e onde eu não preciso ser rico para ter uma vida decente, poder ter saúde, poder educar meus filhos, poder ter segurança. Eu acho que é isso que eu chamo socialismo.

BC - *E o senhor acha que o ser humano, a própria formação do ser humano como animal, ele se adapta a uma forma fraterna de convivência mundial e se nós vamos conseguir isso?*

MS – Não, não será mundial! Será elaborado segundo latitudes, cada país vai criar a sua própria fórmula. Eu não creio nessa construção de cima para baixo. Eu creio que o que vai realmente salvar o mundo serão construções de baixo para cima e, depois, se faz o mundo, reunindo essas construções dentro daquilo sobre o que estamos de acordo os dois, que é o Estado-Nação.

BC – *Então, o senhor está fugindo dos modelos feitos?*

MS – Ah, exato! Eu acho que a história é outra, o mundo é outro! Vamos providenciar outras soluções políticas. Eu acho que este é que é um outro problema. Quer dizer, não temos que olhar muito para trás. Temos que fazer um investimento para frente e acreditar que é possível.

BC – *Por isso o senhor não acredita em partidos?*

MS – Eu creio que os partidos são dispensáveis! Mas eu creio que há uma divisão do trabalho a fazer. Uma é dos políticos, outra é o eu chamo dos intelectuais públicos, a que eu pretendo ser, a que eu busco ser, isto é, eu não posso ter patrão, eu não posso seguir palavra de ordem, eu não posso receber ordens para me comportar neste ou naquele...

BC – *O senhor Milton Santos?*

MS – Eu Milton Santos, como qualquer intelectual!

BC – *Mas de quem as pessoas gostariam de receber ordens!*

MS – Evidente!

BC – *E teria uma liberdade de escolha?*

MS – Eu acho que sim! Mas o trabalho do intelectual é a vigilância permanente. E a vigilância permanente, a produção de novas ideias, supõe um distanciamento daqueles que apenas vivem porque produzem a palavra de ordem, são obrigados a estar criando *slogans*, querem votos e, querer votos é já conceder. Os intelectuais não podem conceder, se eles querem fazer bem o seu trabalho!

BC – *Professor, nós chegamos ao final da nossa entrevista. Eu queria agradecer a sua presença. Eu acho que foi um bom momento de um grande exercício de meditação democrática. Eu agradeço a sua presença e o brilho das suas palavras.*

MS – Eu fiquei muito sensível às suas perguntas e ao seu convite!

BC – *Muito obrigado! Acho uma contribuição muito interessante!*

23/04/2000

Transcrição: **Jailton Dias**
jadas@hotmail.com

Contato: